

Joana Duarte Bernardes

Eça de Queirós

Riso • Memória • Morte



• COIMBRA 2011



I N V E S T I G A Ç Ã O



EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensauc@ci.uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.com>

CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

PRÉ-IMPRESSÃO

António Resende • Mickael Silva

INFOGRAFIA DA CAPA

Carlos Costa

EXECUÇÃO GRÁFICA

Publidisa

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Caricatura a *O Mandarim* • Rafael Bordalo Pinheiro
in *O António Maria*, Jul. 1880

ISBN

978-989-26-0093-2

DEPÓSITO LEGAL

.....

Joana Duarte Bernardes

Eça de Queirós

Riso . Memória . Morte



I
IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U

• COIMBRA 2011

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS - E OUTRAS PALAVRAS.....	9
PREFÁCIO.....	11
OBSERVAÇÕES PRELIMINARES	15
I PARTE – DO RISO.....	17
Capítulo I - Contextualização histórico-literária d' <i>As Farpas</i>	19
1. - <i>As Farpas</i> e o mundo.....	19
2. - <i>As Farpas</i> e o universo queirosiano.....	24
Capítulo II - Eça de Queirós e Manuel Emídio Garcia:	
quando se acreditava que as ideias faziam revoluções.....	39
1. - À (re)descoberta de uma cumplicidade.....	39
2. - Manuel Emídio Garcia: o ideo-realismo como ponto de partida.....	44
3. - A Revolução como obra de revelação e o direito como garantia	47
4. - Administração pública: a compreensão do meio.....	50
5. - Eça de Queirós: <i>O Distrito de Évora</i> como missão	54
6. - Eça n' <i>As Conferências</i> : o outro altifalante d' <i>As Farpas</i>	60
Capítulo III - Riso, Ironia, Revolução: inscrições queirosianas na História	65
1. - História e ficção: <i>paragens do espelbo ao longo do caminho</i>	65
2. - O folhetim, a crónica e o panfleto: formas (para-)ficcionais do tempo.....	79
3. - O riso, arma queirosiana da Revolução.....	92
4. - A ironia, a síntese queirosiana.....	103
Capítulo IV - Riso, Revolução e Crise: três faces, uma personagem	115
1. - Personagem e paraficção	116
2. - António Enes e o Imperador D. Pedro II: um impossível ideal heróico	131
3. - O influente de eleições e <i>o brasileiro</i> : a personagem-tipo.....	145
4. - Ano Novo e Ano Velho: o tempo feito personagem.....	157

II PARTE – DA MEMÓRIA E DA MORTE.....	163
Capítulo I - Memória e personagem: um referente ausente?	165
1. - A recordação como intriga.....	168
2. - O mundo como recordação.....	171
3. - A memória: entre experiência e espera.....	173
4. - A comemoração, memória exteriorizada.....	176
Capítulo II - A construção da personagem queirosiana n' <i>As Farpas</i>	183
1. - A personagem: experiência anamnética?	183
2. - Luísa e as <i>meninas solteiras de 1872</i>	191
2.1. <i>A leitura, a gula, o colégio</i>	196
2.2. <i>O espelho e a moda</i>	203
2.3. <i>A cartilha católica</i>	212
EPÍLOGO – Uma casa onde não se dorme: o cemitério romântico	
na ficção queirosiana	217
1. Tanatografias: da ordem natural das coisas	222
2. <i>O Primo Basílio</i> : quando a memoração é esquecimento	227
3. <i>O Crime do Padre Amaro</i> : o impossível esconderijo da morte	232
4. <i>A Capital!</i> : a passagem como vocação	236
5. Fradique Mendes: a morte como instante final do <i>ter vivido</i>	239
ANEXOS	247
BIBLIOGRAFIA	253

Que história lá ao fundo espera o fim?

Italo Calvino

*Enfin, le travail même de l'interprétation révèle un dessein profond,
celui de vaincre une distance, un éloignement culturel,
d'égaliser le lecteur à un texte devenu étranger,
et ainsi d'incorporer son sens à la compréhension présente
qu'un homme peut prendre de lui-même.*

Paul Ricoeur

AGRADECIMENTOS – E OUTRAS PALAVRAS

À Fundação para a Ciência e a Tecnologia, da qual beneficiei de uma bolsa de apoio à dissertação de mestrado no ano lectivo de 2006/2007, e à Fundação Calouste Gulbenkian, presença constante em todo o meu percurso escolar até à conclusão da licenciatura.

Aos antigos Instituto de História e Teoria das ideias e Instituto de Língua e Literaturas Portuguesas, ao Centro de Literatura Portuguesa, à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, à Biblioteca Central da Faculdade de Letras, pela atenção, pelo cuidado, pela amabilidade demonstrados sempre, quer por professores, quer por funcionários.

À Prof. Doutora Aparecida Ribeiro, uma palavra de gratidão e afecto sinceros, pela forma entusiasta e compreensiva com que sempre me escudou.

Ao Prof. Doutor Carlos Reis, pela forma rigorosa com que apresenta o universo e as caras de Eça de Queirós e pelo cuidado com que cedeu a sua experiência a quem tanto terá sempre a aprender.

Ao Prof. Doutor Fernando Catroga, pelas críticas, pelas sugestões, pela generosa partilha de saber — e, sobretudo, pelo seu sempre surpreendente olhar sobre as palavras e as coisas.

A todos os meus Amigos, pela paciência e dedicação que sempre mostraram. Entre eles, à Licínia e ao Jorge, pelo tempo e pelo apoio verdadeiramente oferecidos para que de sucessivas revisões, impressões, emaranhados informáticos — e mais rascunhos — resultasse este livro.

Aos meus Avós, porque, dizendo que nada sabem sobre Literatura, terão sempre a melhor das Histórias para me contar.

À minha Mãe, por ser quem é e por ter feito de mim quem sou.

PREFÁCIO

O leitor de Eça de Queirós, habituado à sua obra da maturidade, pode estranhar o tema deste livro, pois, tendo como objecto mais concreto *As Farpas*, sobredetermina-o, porém, a uma bem mais geral e estruturante perspectiva que entrelaça três conceitos que, aparentemente, se excluem: o *riso*, a *memória* e a *morte*. Óbvia provocação lançada com o fito de funcionar como princípio e fim de uma investigação que, além disto, quer explicitar, ainda, um outro propósito: descobrir, na urdidura da ficção, os não menos importantes bastidores da cultura oitocentista a que o discurso queirosiano foi mais permeável. “Bastidores”, pois, já que este livro de Joana Duarte Bernardes pretende compreender a extensão do produto ficcional na sua dependência face ao pensamento de Eça nas primícias da sua carreira profissional e de publicista.

A autora elege um *corpus* maioritariamente constituído pelos textos publicados n’ *O Distrito d’ Évora* (1867), *As Farpas* (1871-1872), *O Primo Basílio* (1979), *O Crime do Padre Amaro* (1880) e *A Capital*, dando continuidade a um trabalho académico iniciado na sua tese de mestrado, *A génese da personagem queirosiana n’ As Farpas* (2008), e onde são visíveis as marcas da exigência da escola de estudos queirosianos que, há muito, tem em Carlos Reis a sua grande figura de referência. Agora, essa temática surge mais ampliada e, de certo modo, metamorfoseada pelas vozes, não só da crónica, mas também do romance que, se *co-memoram* o riso, plasman a permanência do binómio memória-morte na produção literária de um escritor que, desde os inícios da década de 1870, foi um *ausente-presente* da realidade que queria *retratar*.

de vários níveis de *self-government*⁷⁴. Por estes melhoramentos entendia Emídio Garcia “a distribuição das funções públicas, proporcional à capacidade intelectual e moral dos indivíduos e das associações; esta, porém, só pode conhecer-se e verificar-se pela livre concorrência no mundo político e administrativo”⁷⁵.

Ainda que não seja o Direito enquanto produto que dite a identidade de uma paróquia, de um município ou de uma província, a verdade é que o exercício da liberdade e a consumação da igualdade ficam muito mais próximos do povo quando, no lugar da distinção abstracta, entre o indivíduo e o Estado, existe uma representação empenhada e participada. Se a Autoridade estatal enviesa o empenhamento do indivíduo na *res publica*, alienando-o da consagração da sua autonomia não só subjectiva como também grupal, é urgente que o *contrato* entre o Governo e os eleitos pelo povo se centre nas exigências económicas e morais da sociedade. Para o lente, este é o caminho que as reformas do país teriam que seguir. Se, por um lado, a descentralização procederia à correcção de um colectivo despolitizado, por outro, impediria a expansão continuada das desigualdades⁷⁶.

Assistido pelo ideo-realismo de Proudhon, Emídio Garcia pretendia despertar o povo para o seu peso na balança social, fornecendo-lhe os meios necessários para que esse aproveitamento da liberdade política fosse satisfatório. A fórmula definitória seria “o máximo de liberdade no mínimo de autoridade”. Ora, os corpos políticos intermédios, enquanto realidade político-administrativa, seriam mais efectivos na prevenção do abuso, dando sentido à liberdade eleitoral e à administração como “policia” de todas as parcelas do meio, com uma palavra a dizer no xadrez político e jurídico. O despertar, pois, da população através de uma educação justa e própria à natureza do homem e do meio tinha a sua justificação superior — se dela precisasse — na imprescindibilidade de dar corpo ao espírito social que resultasse da sinergia criada pelo funcionamento autónomo das partes.

⁷⁴ Cf. MANUEL EMÍDIO GARCIA - “A descentralização e os preconceitos. Ignorância do povo”. In *Correspondência de Coimbra*, I anno, nº 8, Domingo, 18 de Fevereiro de 1872.

⁷⁵ *Idem, ibidem*.

⁷⁶ Cf. *Idem - O Trabalho. Semanário Democrático*, Coimbra, 23 de Abril, nº 6, 1870, p. 43.

Nos inícios da década de '70, a descentralização não era já uma utopia⁷⁷ — como os exemplos dos Estados Unidos e da Suíça o atestam —, pelo que a instrução tinha que acompanhar a pluralidade social, alargando-se e assumindo as especificidades da realidade nacional. Uma reforma da instrução, de modo a que os seus efeitos se manifestem numa boa administração pública, deve, acima de tudo, passar pela sua secularização⁷⁸ para que a igualdade social e política conduza não apenas à abolição do conceito de classe mas também assegure, dentro da tradição *res publicana*, a formação do cidadão. A Administração, que trabalha para que a heterogeneidade dos contextos sociais se interliguem e que tem em vista a cidadania, morigerando os costumes, pressupunha a educação. Simultaneamente, impunha-se como escola de virtude cívica. Está em causa, pois e em síntese, a formação da opinião pública.

5. Eça de Queirós: *O Distrito de Évora* como missão

No primeiro número d' *O Distrito de Évora*, no qual é incluída uma reflexão acerca da condição e da prática do jornalismo, Eça começa por precisar o perfil da publicação que então vinha a lume: “um jornal que procure representar o Direito, a Justiça, a Razão, o Princípio, a Constituição Moral, não será por certo inútil”⁷⁹. Do ponto de vista da formação do jovem escritor, é significativo que, após a experiência da *Gazeta de Portugal* e do *Mistério da Estrada de Sintra*, Eça se torne redactor em Évora (e, simultaneamente, figurando como redactor em Lisboa), apresentando-se como apóstolo de uma imprensa de cunho marcadamente interventivo dirigida para o povo. O jovem escritor assumia, enquanto responsável por um

⁷⁷ *Idem* - “A descentralização e os preconceitos. Ignorância do povo”, I anno, nº 8, Domingo, 18 de Fevereiro de 1872.

⁷⁸ *Idem* - “Instrução secundária em Portugal”. In *O Positivismo. Revista de Philosophia*, dirigida por Teophilo Braga e Julio de Mattos, 1879-1880, segundo volume, Porto, Livraria Universal, 1880, p. 490.

⁷⁹ EÇA DE QUEIRÓS - *Prosas Esquecidas II (crítica 1867)*, edição organizada por Alberto Machado da Rosa, Lisboa, Editorial Presença, 1965, p. 15.

jornal político de oposição, um tom provocatório (que secundaria todos os números seguintes) e uma vivência exclusiva para o ofício da escrita e para a doutrinação. Deve sublinhar-se que Eça chega à redacção d' *O Distrito de Évora* pelas mãos de José Maria Eugénio de Almeida e Gaspar de Azevedo, proprietários locais que criaram o jornal enquanto órgão oposicionista à *Folha do Sul*, altifalante da Fusão⁸⁰. E, assim, a acção de Eça deveria produzir um efeito de pressão, na província, suplemento da acção de Eugénio de Almeida no parlamento. O jovem escritor surgia, pois, identificado com a oposição.

A ulterior exploração do terreno ficcional carecia de uma preparação cuja base viria a ser de índole jurídico-filosófica. Era a única que Eça teria à disposição na altura; um dos principais transmissores fora Manuel Emídio Garcia e, a avaliar pela similitude com o ideário do lente, o futuro autor d' *As Farpas* operava como propagador pela imprensa da palavra do mestre. Não importa neste momento avaliar que *revolucionário* Eça podia ser⁸¹ mas sim que revolução podia o escritor usar e quais as suas consequências nos escritos queirosianos que antecederam *As Farpas*.

Ao longo de praticamente todos os números, a matéria da instrução e da formação da opinião pública está presente, concatenada com a temática da organização do território e da administração. N' *O Distrito*, Eça faz-se voz de uma circunscrição administrativa, apelando fortemente à participação consciente da população na vida pública e, se é certo que podemos encontrar já núcleos de teor ficcional, a teorização jurídica e política, seja

⁸⁰ Terá sido o pai de Eça, que havia sido colega de Eugénio de Almeida em Coimbra, quem indica a possibilidade de o filho poder exercer funções na recém-criada publicação de Évora e “em Dezembro de 1866, Gaspar de Azevedo assinou com Eça uma escritura, nos termos da qual este era contratado para, a partir de 1 de Janeiro de 1867, ir viver par Évora e ali dirigir o novo periódico da oposição — o *Distrito de Évora* — a troco de uma remuneração, e com liberdade para exercer, querendo, advocacia. Gaspar de Azevedo era o administrador do jornal, Cunha Bravo o proprietário e responsável, e Eugénio de Almeida um dos dinamizadores e financiadores do mesmo que ficaram na sombra” (JOSÉ MIGUEL SARDICA - *José Maria Eugénio de Almeida. Negócios, política e sociedade no século XIX*, Lisboa, Quimera/Évora, Instituto de Cultura Vasco Vill'Alva, 2005, p. 149.

⁸¹ Cf. ANÍBAL PINTO DE CASTRO. In EÇA DE QUEIROZ - *Páginas de Jornalismo. “O Distrito de Évora” (1867)*, vol. I, nota introdutória e revisão do texto por Aníbal Pinto de Castro, Porto, Lello & Irmãos Editores, 1981, pp. XVIII e ss.

ela sólida ou não, ganha pertinência se for pensada em função do seu impacto na formação estética de Eça e na sua faceta de actualização do programa de Emídio Garcia. Com efeito, é visível na produção d' *O Distrito* a propensão ficcional e dramática de Eça, já que, “em Évora, o antigo actor do Teatro Académico de Coimbra, entendeu logo que aquilo que dele se esperava ou, pelo menos, aquilo que poderia levar por diante era uma encenação e representação teatral especialmente complexa porque tudo dependeria de um único actor em cena...”⁸². E se *O Distrito* confirma o primado estético, presente já nos textos da *Gazeta de Portugal* e na criação conjunta (com Antero de Quental e Jaime Batalha Reis) de Fradique Mendes, deixa também adivinhar o que sucederá n' *As Farpas*: a consagração de um registo da ordem da paraficcionalidade que se disseminará na obra ficcional do escritor.

Eça retoma uma ideia fundamental do pensamento de Garcia: “A população é para o território o mesmo que a vida é para o homem”⁸³. A explicitação do que seria a Administração devia, pois, contribuir para quebrar o ciclo vicioso no qual, sob pretexto da organização, o governo monopolizava a vida pública menosprezando o bem colectivo. Desta feita, o combate à opressão que esteriliza a força colectiva enquanto motor da sociedade terá que ser travado mediante o princípio de que para administrar é necessário observar⁸⁴. Somente através da observação crítica do meio (que compreende a população e o território) os poderes políticos podem contribuir *justa* e eficientemente para o progresso de uma comunidade — e, em última instância, para a prosperidade da nação.

⁸² JOEL SERRÃO - *O Primeiro Fradique Mendes*, Lisboa, Livros Horizonte, 1985, p. 116.

⁸³ MANUEL EMÍDIO GARCIA - “A Sociologia aplicada à Administração Pública”. In *A Vida dum Apóstolo. Sebastião Magalhães de Lima*, volume “Escritor”, coordenação de Álvaro Neves, Lisboa, Imprensa Lucas, 1930, p. 122. Refira-se que este texto corresponde ao relatório apresentado por uma das comissões do 3º ano jurídico à Universidade de Coimbra, na aula de Direito Administrativo, no ano lectivo de 1872-1873, tendo sido relator Sebastião Magalhães de Lima. O leitor é informado, no final do texto, que o assunto dado para estudo e relatório fora “Território e população nas suas relações com a administração”.

⁸⁴ EÇA DE QUEIRÓS - *Prosas Esquecidas II (crítica 1867)*, edição organizada por Alberto Machado da Rosa, Lisboa, Editorial Presença, 1965, p. 43.

Assim, as autoridades locais devem funcionar como passagem intermédia entre o povo e o poder central para que a alma popular possa ser realizada nas suas dimensões afectiva e cívica. Os poderes intermédios devem assegurar o conhecimento das movimentações populares, por um lado, e das grande acções políticas, por outro⁸⁵, de forma que a auto-administração política do povo delegue nas mãos de um princípio federativo credível a concordância entre os vários interesses. À afirmação de Mártens Ferrão de que a representação nacional assenta no parlamento, Eça responde incriminando a falta de conhecimento que o Governo tem do povo de cujos interesses devia ser o mediador. A lacuna governativa, que faz com que seja impossível a conciliação entre as células base da sociedade e os poderes eleitos, reside, pois, na refutação da igualdade e da reciprocidade entre todas as *soberanias* que compõem o organismo social.

Ao ignorar a força colectiva, as diversas condicionalidades que deveria *federar*, o Governo actuava de encontro à liberdade do povo. Esta liberdade estava consagrada nas *três coisas supremas do povo*⁸⁶: a opinião das praças (a ideia espontânea), a imprensa (a opinião esclarecida), o direito de petição (a apelação). A Justiça dita que o povo tenha estes três direitos *naturalmente*, direitos que consistem na razão colectiva. É o espírito social de Proudhon e de Manuel Emídio Garcia. O grande aporte da Revolução Liberal fora, precisamente, a libertação das forças da nação, após séculos de estiolamento pelas várias metamorfoses da Autoridade. O grande paradoxo das conquistas liberais é que o novo poder central passou a centralizador, refutando o espírito social como vontade da sociedade⁸⁷. Daí que o jovem escritor se insurja contra a reforma administrativa de pendor centralista então em curso, que acusa de ser um disfarce liberal para a concentração de poderes. A Autoridade do Governo comportava a extinção do cidadão e, exponencialmente, da pátria: “A reforma, sob uma aparência descentralizadora e liberal, consolida realmente o sistema de concentração de forças

⁸⁵ *Idem, ibidem*, p. 59.

⁸⁶ *Idem, ibidem*, p. 110.

⁸⁷ PROUDHON - *De la Justice dans la Révolution et dans l'Église*, tome premier, Bruxelles, A. Lacroix, Verboeckhoven et Cie, 1868, pp. 98 e ss.

sociais e a extinção da vida municipal. O mal supremo que daqui vem é a morte do patriotismo, o quebrantamento da alma popular”⁸⁸.

A redução do individual e do colectivo a forças antagónicas, que acabariam por auto-destruir-se na pesada máquina administrativa, redundaria na aniquilação do município no quadro administrativo e na extinção dos localismos enquanto veículo de uma educação pátria e política. Assim sendo, o direito à petição, sem um suporte local e sem meios de avaliação da realidade municipal, ficaria sem efeito. Quando Eça publica o “Manifesto do Distrito de Évora”⁸⁹, sabe que está a assumir o ofício de irradiação ideológica da imprensa e a fazer-se voz do espírito social de um distrito, reclamando para este os meios para que a sua auto-determinação se cumpra tendo por pano de fundo a Justiça e por móbil a Liberdade⁹⁰. A meta, ancorada na crítica ao governo fusionista, seria fomentar uma contestação alicerçada, fundamentalmente, na instrução do povo, na extinção de privilégios, na divisão racional do trabalho, na atenuação da miséria, na transformação do imposto⁹¹. O ideo-realismo que de Proudhon, de Manuel Emídio e dos debates filosóficos narrados nos meados da década de ’60 em Coimbra havia aprendido objectivava-se não apenas no jornal mas no manifesto que pretendia ser a realização da presença da Justiça⁹².

Ora, o exercício pleno da liberdade estava na soberania do povo. No entanto, por oposição às concepções empiristas de soberania, contra as quais Garcia se revoltava⁹³, Eça apresentava o espírito público, formado pela imprensa, como possuidor de um Direito incontestável e que vê na representação e não na insurreição a sua função política. A concertação social

⁸⁸ *Idem, ibidem*, p. 133.

⁸⁹ *Idem, ibidem*, pp. 128-145.

⁹⁰ Cf. JOSÉ MIGUEL SARDICA - *José Maria Eugénio de Almeida*, pp. 150-151. O manifesto, em cuja redacção se supõe que Eugénio de Almeida tenha estado implicado também — é publicado no dia que se seguiu à aprovação do imposto sobre o consumo, aproveitando-se para acentuar a política despesista e de abandono dos mais carenciados das medidas de Fontes e de Mártens Ferrão.

⁹¹ Cf. EÇA DE QUEIRÓS - *Prosas Esquecidas*, vol III “Política 1867”, edição organizada por Alberto Machado da Rosa, Lisboa, Editorial Presença, 1965, p. 141.

⁹² Cf. *Idem, ibidem*, p. 179.

⁹³ Cf. MANUEL EMÍDIO GARCIA - *Estudos de Filosofia Política feitos em 1871-1872 por uma das comissões do 3º anno*, p. 22-23.

deve, portanto, partir do confronto de ideias que é apanágio da associação (para, assim, serem rasurados os egoísmos subjectivistas) — e deste modo, mediada pela representação, a organização política da sociedade deixa de estar a cargo de uma minoria⁹⁴. Só um povo instruído pelas e para as realidades nacional e local pode exercer o seu papel de maioria constituindo uma segunda maioria, de expressão parlamentar — de uma forma justa. Daí que todas as reformas levadas a cabo pelo Governo eleito pelo povo devessem estar em conformidade com a sociedade. Neste processo de formação, a imprensa, tal como para o lente de Coimbra, detinha uma obrigação preponderante porque era ela quem munia a população dos meios necessários para que das reuniões nas praças se façam *nobres concílios*⁹⁵. E outro não devia ser o objectivo que Garcia, Eça e Anselmo de Andrade projectaram pouco tempo antes e que, como se sabe, nunca chegou a ser concretizado. Explicando aos seus autores conceitos como o de representação, Eça consciencializava a população de que só ela conheceria o seu meio, sendo os interesses dessa maioria os mais legítimos reformadores.

Que Revolução era, pois, a que Eça pretendia n' *O Distrito de Évora* quando afirma rejeitar a acção revolucionária que significa “a interferência da força do povo, a energia dos regimentos, a fuzilaria das guerrilhas”⁹⁶? A Revolução que perpassa as páginas do periódico é a que tem por base a uniformização dos direitos e dos deveres sustentados pela Justiça. É o axioma de Proudhon plasmado na luta de imprensa: “Les révolutions sont les manifestations successives de la Justice dans l'humanité”⁹⁷. Por isso aclamava a palavra do povo como sendo a portadora da Justiça através da participação na *res publica*. A progressiva conquista do *self-government* levaria, paulatinamente, a que se conciliassem as distintas células do organismo social. E o meio para isso, de acordo com o que recomenda n' *O Distrito de Évora*, é tributário da lição de Garcia e, de certo modo, de Herculano. Daí que lembrasse aos reformadores centralistas no poder que “o patriotismo

⁹⁴ JEAN BANCAL - *Proudhon, II Les Réalisations*, Paris, Aubier Montaigne, 1970, p. 39.

⁹⁵ EÇA DE QUEIRÓS - *Prosas Esquecidas II (crítica 1867)*, p. 106.

⁹⁶ *Idem, ibidem*, p. 193.

⁹⁷ PROUDHON - *Œuvres Choisies*, ed. cit., 228.

é gerado de afeições, de hábitos, de recordações” que só “se encontram na intimidade serena da vida local”⁹⁸.

60

Consequentemente, teriam de perceber que os efeitos políticos da administração se saldavam, em última análise, na condição do amor à pátria, condição da virtude *res publicana*, e que “na graduação dos sentimentos e das ideias, primeiro ama-se a família, depois estima-se o município, depois respeita-se a província, depois considera-se o Estado: esta graduação insólita está no espírito popular como uma construção irruinável”⁹⁹. A força que deveria estar subjacente à Revolução seria a energia moral que consubstanciava o ideo-realismo, na pluralidade das suas manifestações, e que, revelando-se materialmente na associação, expressaria melhor a necessidade de as subjectividades estarem inseridas nos respectivos meios em nome do equilíbrio — condição fundamental para se conseguir um bom governo.

6. Eça n’ *As Conferências*: o outro altifalante d’ *As Farpas*

Aquando da Questão Coimbrã, Antero de Quental surgia como tradutor de uma tendência estético-filosófica que Rodrigues de Brito evidenciava já nos finais da década de ’50 nas suas lições de Filosofia do Direito: a necessidade de postular a questão social em todas as esferas da actividade humana, para assim cumprir o desígnio supremo da Humanidade e que era o Bem. Para isso, Antero convocava a História, “Penélope sombria” das *Odes Modernas*, e o reconhecimento de um presente misérrimo que urgia *revelar*. É sabido quem seria o agente da Revolução: a Arte. Por esta altura, Eça, mais jovem que Antero, não participa ainda do combate¹⁰⁰. Mas o aprendizado que na companhia de Emídio Garcia leva a cabo virá a fornecer-lhe as mesmas armas.

E se n’ *O Distrito* são ecos de um debate de índole político-administrativa que ressoam, na prelecção que Eça profere nas Conferências Democráticas

⁹⁸ EÇA DE QUEIRÓS - *Prosas Esquecidas III (política 1867)*, p. 135.

⁹⁹ *Idem, ibidem*, p. 136.

¹⁰⁰ *Vide* CARLOS REIS - *As Conferências do Casino*, Lisboa, Publicações Alfa, 1990, pp. 15 e ss.

do Casino Lisbonense, é já evidente o legado da aprendizagem com Garcia do ideário de Proudhon, do ponto de vista da perspectivação da Arte como reflexo do real. Em suma, a exposição de Eça defende que a obra de arte é consequência de condicionalidades — ele, que se atribuía quase o papel de deputado legitimado pela ideia oitocentista de imprensa, ele, que ensinara o crédito e a representação no seu jornal. De certa forma, a representação de uma maioria que defendera é a mesma que oferecerá ao agitado público das Conferências — ao assumir o primado estético e, no seio deste, atribuindo ao escritor o ambíguo papel de cientista do real, jornalista da verdade e criador de representações.

Assim, tal como a política nova, que pressupunha valores de índole universal, teria que relevar a especificidade da sua concretude resultante da influência do tempo e do meio, o mesmo teria que acontecer ao nível da arte. Ora, essa sensibilidade mesológica, que era também ao concreto, só podia ser receptiva, não apenas às críticas da arte pela arte, mas também às teses de Taine, que começam a ser conhecidas nos finais da década de '60.

Ao escrever que a arte não aparece nas sociedades como um facto isolado, mas sim intimamente ligada ao progresso ou à decadência¹⁰¹ Eça não apenas actualizava o ideário proudhoniano como mostrava a utilidade do legado jurídico-administrativo transmitido por Garcia. Alegava o lente, a partir da sua formação proudhiano-krausista, que a soberania enquanto ideia social necessitava de uma forma, de uma conversão real, para que a sua fecundidade se produza¹⁰². De certo modo, se pela Revolução Garcia enformara a sua teoria da Administração Pública, Eça fizera o percurso inverso, ao adequar os princípios administrativos que recebera, imbuídos

¹⁰¹ BEATRIZ BERRINI - *Eça de Queiroz, Literatura e Arte. Uma Antologia*, apresentação, organização geral e comentários de Beatriz Berrini, Lisboa, Relógio d' Água, 2000, p. 26. A expressão transcrita pertence a um artigo sem assinatura presente no *Jornal da Noite*, p. 2, 14/15 de Junho de 1871. Também a Luciano Cordeiro as expressões *teoria jurídica* e *facto* não passaram despercebidas (p. 31). Para a transcrição das ideias expressas na conferência de Eça utilizamos o estudo de Carlos Reis, *As Conferências do Casino*, Lisboa, Alfa, 1990, e a já referida antologia *Eça de Queiroz, Literatura e Arte. Uma Antologia*.

¹⁰² MANUEL EMÍDIO GARCIA - *Estudos de Philosophia Política feitos em 1871-1872 por uma das comissões do 3º anno*, pp. 25-26.

de Proudhon e da jusfilosofia krausista, ao que então veiculava como Revolução pela Arte.

62

Carlos Reis esclarece que, ainda que esta Revolução fosse um *sistema*, ainda que fosse um *facto permanente*, Eça denunciava que somente a Arte continuava a oferecer resistência e que era essa marginalidade auto-imposta que o jovem escritor queria resolver com a sua conferência. Ora, a importância da estética é que esta tem por função mostrar as determinações morais através de imagens, permitindo o aperfeiçoamento pela Arte¹⁰³. Sendo a ordem moral que está em causa, o ser colectivo passa a estar em primeiro plano, pelo que a representação que a arte oferece deve contribuir para o aperfeiçoamento moral e físico da sociedade — negando a primazia romântica do génio criador e a arte pela arte.

Tal como Antero, na Conferência que precedeu a sua, Eça aponta causas para a determinação da arte, o que implica reconhecer que a arte está no mesmo patamar de todas as séries organizadoras das sociedades. Como se rege por uma mecânica de representação, a Arte é expressão da sociedade, o ponto de encontro entre as ideias de Eça e as de Proudhon. Daqui decorre que a arte em Portugal, não conhecendo o Realismo, ruma contra a grande ideia do século XIX¹⁰⁴. E Eça define o Realismo: “é uma base filosófica para todas as concepções do espírito, uma lei, uma carta de guia, um roteiro do pensamento humano, na eterna região artística do belo, do bom e do justo”¹⁰⁵. Esta é, pois, a possibilidade da “tríplice sanção”, como a apelida o irmão do escritor, pela arte, a filosofia e a justiça. A apaixonada defesa que Eça fez do povo de Évora e do seu direito *natural* à soberania através da justa representação começa, pois, a delinear-se sustentada no mesmo suporte filosófico, é certo, mas tomando a direcção

¹⁰³ Proudhon apresenta como o objectivo da “estética”: “Se perfectionner par l’ Art, en épurant sans cesse comme à l’instar de notre âme, les formes qui nous entourent” (PROUDHON - *Œuvres Choisies*, textes présentés par Jean Bancal, p. 310).

¹⁰⁴ Cf. CARLOS REIS - *As Conferências do Casino*, p. 137, Beatriz Berrini, *Eça de Queiroz, Literatura e Arte. Uma Antologia*, pp. 26 (relato de Alberto de Queirós, *Revolução de Setembro*, 13 de Junho de 1871) e 27 (sem assinatura, *Jornal da Noite*, p. 2, 14/15 de Junho de 1871).

¹⁰⁵ CARLOS REIS - *As Conferências do Casino*, p. 139 e Beatriz Berrini, *Eça de Queiroz, Literatura e Arte. Uma Antologia*, p. 28 (sem assinatura, *Diário Popular*, 15/06/1871).

haveria de ser delineada uma teoria metafísica e positiva da evolução, na qual o espaço reservado à série de inspiração proudhoniana (*De la Création de l'ordre dans l'humanité*) que, admitindo os conceitos de ser colectivo, de razão colectiva e de força colectiva¹⁸⁷, fazia da evolução uma eterna dialéctica entre contrários. Para esta, a síntese, como Proudhon quis e contrariamente ao que Hegel professara, não implicava uma anulação, mas sim o equilíbrio necessário à coexistência dos contrários.

Não surpreende que num texto, também ele de carácter publicista, como *O que é a Internacional?*, explicasse a necessidade da associação universal dos trabalhadores em corporações livres, concretizando a “fusão harmónica dos dois elementos rivais — trabalho e capital”¹⁸⁸. O socialismo seria, pois, uma “evolução revolucionária”, nas palavras de Antero, para quem, finalmente, a Revolução, além de revelação e por esse motivo, seria a natural evolução das sociedades, somente possível de transformar segundo o processo através da qual também os seres se movem sustentados pelas suas leis orgânicas.

Também Oliveira Martins haverá de adaptar a sua forma de representar o estado do século XIX a partir da dialéctica serial de Proudhon. Mas o historiador nunca subsumirá o indivíduo por completo na conceptualização que faz do Socialismo, facto que resultará na concepção de um lugar de excelência ao relativismo, não do acontecimento histórico, mas da sua apresentação. E, por isso, a Revolução de Oliveira Martins terá sempre uma vocação mais reformista e circular e a Ideia Moderna, tal como a apresenta em *Portugal e o Socialismo*, deve conter os ensinamentos da Revolução.

Que Eça conhecia esta doutrina, sabemos-lo já, bem como da preponderância que teve Emídio Garcia. Trata-se agora compreender até que ponto *As Farpas* reproduzem, por meio de uma poética própria, os particularismos do sociólogo francês que melhor exprimiam o espírito da época através das possibilidades queirosianas no que diz respeito à representação da sociedade e de que forma a chave proudhoniana acabará por desempenhar um papel decisivo naquela que será a forma queirosiana da Revolução: a personagem.

¹⁸⁷ *Idem, ibidem*, p. 24.

¹⁸⁸ ANTERO DE QUENTAL - *Prosas*, Volume II, p. 179.

A última participação de Eça n' *As Farpas*, em Setembro e Outubro de 1872, ficou marcada pela existência de uma epígrafe de abertura. Leia-se:

106

Doce ironia! só tu és pura, casta e discreta; dás graça à beleza e o requinte ao amor; inspiras a caridade pela tolerância; dissipas o erro homicida; ensinas a modéstia à mulher, a audácia ao guerreiro, a prudência ao estadista; apaziguas com o teu sorriso as dissensões e as guerras; pacificas os irmãos, curas o fanático e o sectário; és mestra da verdade; serves de providência ao génio e à virtude, ó deusa, és tu mesma!¹⁸⁹

O autor é Proudhon, o mesmo que, na primeira *Farpa*, o redactor-narrador considera insuficiente para resolver a decadência dos costumes portugueses, por um lado, e o mesmo que Eça afirmava ter trazido de Coimbra, debaixo do braço e mal lido¹⁹⁰. Não deixa de ser significativo que a última *crónica* queirosiana traga a marca proudhoniana, como se todo o texto devesse ser lido à luz dessa matriz — e da da ironia. Recorde-se que, no primeiro texto das *crónicas mensais*, o redactor-narrador anuncia o tom derrisório como força reveladora e, portanto, como apresentação de uma verdade. Porém, o riso que desconstrói a máscara do ídolo, se suficiente e necessário no início da jornada de Eça (e de Ramalho), afigura-se impotente agora. Entre Maio de 1871 e Outubro de 1872, Eça viu as Conferências do Casino serem seladas, digladiou-se com António Enes, enfrentou a polémica com Pinheiro Chagas (uma das) e vê-se preterido no concurso para cônsul na Baía. Inevitavelmente, a continuidade d' *As Farpas* estava dependente de uma viragem para o campo da pedagogia, que Ramalho sempre desejara e que agora podia cumprir. Para Eça, esgotava-se a poética da derrisão sob a forma panfletária. E a esse facto não pode ser alheia a própria natureza do panfleto: encaixado numa literatura de combate, o panfleto, tal como foi já aqui caracterizado, acaba por tornar-se um género autofágico — não sendo de admirar, também por isso, que Eça venha a suprimir algumas farpas na edição de *Uma Campanha Alegre*.

¹⁸⁹ EÇA DE QUEIRÓS - *As Farpas*, p. 541.

¹⁹⁰ Cf. EÇA DE QUEIRÓS - *Uma Campanha Alegre*, p. 5.

A inserção da epígrafe de Proudhon vem encabeçar uma *Farpa* dedicada ao tema do adultério e nela são colocados em evidência um ou vários tipos sociais. Assim, se à representação das figuras públicas bastava o critério derrisório, no caso dos tipos aquele terá que ser caldeado com algo mais. A poética da derrisão resultaria em termos de impacto sobre o público tendo em conta a dimensão de cada *Farpa* mensal; no entanto, relativamente a um tema ao qual facilmente é reconhecida posteridade na obra romanesca do escritor, é duvidoso que pudesse vigorar. É necessário, pois, destringer as formas através das quais Eça desenhou um quadro social que, claramente, fixara como base de trabalho ulterior.

No sumário da *crónica* em questão, o adultério é apresentado como grande tema, subordinados ao qual são expostos diversos comentários e explicações. Directamente relacionado com o texto de Setembro-Outubro de 1872, a *Farpa* de Março do mesmo ano apresenta *as meninas solteiras*, sendo que, em conjunto, os dois textos configuram um núcleo temático com ressonâncias na obra queirosiana. Aliás, os temas do adultério e da educação feminina são abordados imediatamente na *farpa* de abertura, porém, sem o alargamento a que serão sujeitos depois. No entanto, importa agora sublinhar que a mostra de tipos que daqui resulta é muito mais descritiva do que até então alguma sucessão de caracteres o fora n' *As Farpas*. Estamos, pois, diante do que o próprio redactor-narrador chama de “apontamentos de costumes”¹⁹¹.

O objectivo primeiro da publicação fora fazer rir; no final da sua presença, Eça recorre a uma epígrafe retirada da obra *Les Confessions d'un Révolutionnaire pour servir à l' Histoire de la Révolution de Février*¹⁹², escrita em 1849, quando o autor cumpria pena na prisão por artigos publicados contra Luís Napoleão Bonaparte. Ora, a chamada à colação da

¹⁹¹ EÇA DE QUEIRÓS - *As Farpas*, p. 429.

¹⁹² PROUDHON - *Les confessions d' un révolutionnaire pour servir à l' histoire de la Révolution de Février*, 3^{ème} édition, revue, corrigée et augmentée par l' auteur, Paris, Garnier Frères Librairies, 1851, p. 342. Parece-nos, contudo, ainda mais significativas, do ponto de vista da caracterização da fase final da participação d' *As Farpas*, as palavras que antecedem a citação escolhida: “Ironie, vraie liberté! c'est toi qui me délivres de l' ambition du pouvoir, de la servitude des partis, du respect de la routine, du pédantisme de la science, de l'admiration des grands personnages, des mystifications de la politique, du fanatisme des réformateurs, de la superstition de ce grand univers et de l'adoration de moi-même” (cf. *idem, ibidem*).

Ironia por parte do redactor-narrador d' *As Farpas* realça a diferença entre o que pôde ser a participação inicial e o que era o remate dessa presença. Podendo ser a ironia perspectivada como antagónica em relação ao que é o senso comum¹⁹³, a caricatura, ainda que marcada pelo registo irónico — como é o caso da caricatura no tempo da Revolução Francesa —, servirá os interesses de uma publicação de índole panfletária melhor do que a descrição de caracteres como aquela que encontramos nas duas *Farpas* em causa.

Conhecendo Eça a obra de Proudhon que acima referimos, conheceria também a expressão do filósofo da Revolução que enfatizava (e resumia) o seu credo intelectual: “comme la Contradiction m' avait servi à demolir, la Série devait me servir à édifier. Mon éducation intellectuelle était faite”¹⁹⁴. Ora, é a presença de Proudhon nas farpas queirosianas (experiência que serve de antecâmara à posterior obra romanesca do autor), do ponto de vista do que a ironia, enquanto sistema de dúvidas assente numa concepção reactiva de posicionamento perante a realidade¹⁹⁵, que aqui importa sublinhar. A verdade é que o sistema serial, do qual depende a existência da ironia, em Proudhon, exige que outra análise seja feita, mormente no que respeita ao impacto que o aprendido teve na expressão revolucionária em Eça e ao estabelecimento das condições, quer textuais, quer contextuais que propiciaram essa prática até que ela, n' *As Farpas*, se tenha tornado poética.

Tendo tido contacto com as ideias que enformam a dialéctica serial de Proudhon, o redactor-narrador compreendia que a realidade era composta por um conjunto de séries unificadas no e pelo real. Assim, a ordem

¹⁹³ CF. RICHARD RORTY - *Contingência, Ironia e Solidariedade*, trad. de Nuno Ferreira da Fonseca, Lisboa, Editorial Presença, 1994, p. 104: “O contrário da ironia é o senso comum, já que este é o suporte dos que, sem autoconsciência, descrevem tudo o que é importante nos termos do vocabulário final ao qual eles e os que os rodeiam estão habituados. Ser do senso comum é partir do princípio que enunciados formulados nesse vocabulário final bastam para descrever e julgar as crenças, acções e vidas dos que empregam vocabulários finais alternativos”.

¹⁹⁴ PROUDHON - *op. cit.*, p. 150.

¹⁹⁵ Assim, por oposição, a ironia “parece ser inerentemente uma questão privada. Na minha definição, um ironista não pode passar sem o contraste entre o vocabulário final que herdou e aquele que está a tentar criar para si próprio. A ironia é, se não intrinsecamente ressentida, pelo menos reactiva. As ironistas têm de ter algo sobre o qual ter dúvidas, algo do qual estar alienadas” (R. RORTY - *op. cit.*, p. 120).

implicaria diferença e a ironia, que não descobre mas antes modifica¹⁹⁶, adaptando-se a uma veiculação do real mais abrangente e total — necessária ao romance (e que a florara noutros pontos das *crónicas mensais*).

A dialéctica proudhoniana teve por método a procura da “diversidade em todos os seus pormenores”¹⁹⁷ — o que corresponde à descrição que o redactor-narrador faz n’ *As Farpas* em discussão agora. Desta feita, a ironia, apresentada na epígrafe como mestra da Verdade, vinha permitir: por um lado, a revelação do manequim correspondente não ao ídolo singular mas à multiplicidade antropomorfizada no tipo; por outro, a construção do edifício diegético e a narrativa da história.

Ultrapassada a redução da figura ao riso, Eça ficava diante daquilo a que Mário Sacramento chama de “ausência de tese”¹⁹⁸. Se o riso fora a opinião que norteava *As Farpas*, sob a égide da ironia a representação do real sofreria alterações. O autor de *Eça de Queirós. Uma estética da ironia* vai mais longe: fazendo radicar na busca pelo “permanente diálogo” a identidade literária queirosiana, só um género como a alta comédia poderia manter “a contradição que nunca se resolve” fora da personagem — passando o jogo do cómico do indivíduo para o cidadão. Assim, o protagonismo da caricatura enquanto elemento cómico passa a incidir na personagem secundária ficando a força irónica como motor diegético.

É sabido que o tema do adultério está presente na obra queirosiana de forma insistente e que o interesse por ele demonstrado pelo escritor é anterior às *Farpas*, com *O Mistério da Estrada de Sintra* a ocupar a posição original¹⁹⁹. Contudo, nas *crónicas mensais*, a abordagem da temática e sua relação com a educação feminina e um determinado tipo masculino são

¹⁹⁶ *Idem, ibidem*, p. 108.

¹⁹⁷ GEORGES GURVITCH - *Proudhon*, Lisboa, Edições 70, 1983, p. 24.

¹⁹⁸ *Vide* MÁRIO SACRAMENTO - *op. cit.*, p. 109 e ss.

¹⁹⁹ Sobre a temática do adultério da obra queirosiana *vide*: CARLOS REIS - “A temática do adultério n’ *O Primo Bazílio*”. In *Construção da Leitura*, Coimbra, INIC/Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, 1982, pp. 117-129; COIMBRA MARTINS, “Eva e Eça”. In *Bulletin des Études Portugaises*, 28-29, Lisboa, 1967-68, Lisboa, L’ Institut Français au Portugal, pp. 287-325; ANTÓNIO SÉRGIO - “Notas sobre a imaginação, a fantasia e o problema psicológico-moral na obra novelística de Eça de Queirós”. In *Ensaio*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1971, tomo VI, pp. 53-120.

apresentadas de forma sistemática e descritiva²⁰⁰. É evidente que as personagens que quase imediatamente surgem no horizonte de leitura são as d' *O Primo Basílio*. Trata-se agora de perceber até que ponto *As Farpas*, configurando acções, configuram também as personagens em causa, por um lado, mas também como a matriz estético-irónica e a matriz estético-literária se conjugam para fazer destes textos chave de leitura.

Recorramos novamente a Mário Sacramento e ao ensaio que consagra à ironia na obra queirosiana, quando diz que “é a ironia que, assistindo à génese do *Primo Basílio*, salva o romance do sentido programático que a carta da Condessa de W. fazia prever e o mantém na serena formulação de uma problemática, permitindo a Eça que, escrevendo a Teófilo, o declare, numa reverência ao político do liberalismo, interessado em defender a família pelo ataque à família lisboeta, ou seja, em pugnar pela regeneração dos costumes (...)”²⁰¹. O sentido programático de que o ensaísta fala é precisamente o que está presente n' *As Farpas* na medida em que o que encontramos na *crónica* de Setembro-Outubro é a apresentação, a descrição e a explicação do adultério como facto social que, acredita o autor, pode ser solucionado.

Esta análise, assente na oposição entre Dumas Filho e Proudhon²⁰², parte de um trabalho de observação, conclusão e previsão. E compreende-se

²⁰⁰ As possíveis aproximações à obra de Proudhon (ainda que posterior) *La Pornocratie ou les femmes dans les temps modernes* são atraentes, desde a consideração da mulher enquanto adúltera, daí decorrendo todos os demais vícios (como a mentira e o tratamento do adultério como instituição). Vide PROUDHON - *La pornocratie, ou Les femmes dans les temps modernes*, Paris, A. Lacroix, 1875.

²⁰¹ MÁRIO SACRAMENTO - *op. cit.*, p. 142.

²⁰² Leia-se, de resto, a confirmação do que defendemos já acerca de a Revolução queirosiana ser de feição proudhoniana: “Ora, se alguma coisa deve irritar e fazer rugir é ver os srs. Dumas, Ideville, e outros galantes falar e decidir, como Evangelistas do macadame, sobre o casamento, esse ângulo tão perigoso da dificuldade social. Não a resolveu, esta questão esmagadora, a Bíblia; não a resolveu, com toda a sua grandeza, o velho espírito romano; perturbaram-na e lançaram-na em confusão a teologia e o cristianismo; apenas a revolução, pela ciência de Proudhon, começa a dar-lhe solução racional e positiva; — e no entanto o sr. Dumas Filho, autor da *Lorette* e profeta do Ginásio, estende-se molemente à sombra dos castanheiros, ouvindo cantar os pássaros, e faz-nos o obséquio num momento de bonomia, de resolver no direito e na moral esta dificuldade tenebrosa.” (*As Farpas*, p. 543).

que assim seja. Com efeito, enquanto modalidade expressiva, a ironia, que não é necessariamente verbal (diríamos mesmo que um contexto irónico o é quanto menor nele for a dependência discursiva), pode ser caracterizada como uma figura na qual critérios de inclusão e de diferenciação se confrontam sincronicamente²⁰³, o que tantas vezes conduz à declaração insuficiente de que um enunciado é irónico quando o emissor anuncia o contrário do que pensa.

Assim, ao texto queirosiano da Revolução estará subjacente a derrisão enquanto antítese de um mundo desconstruído, resultando daqui que a ironia *soçobra*, cumprindo o seu efeito, nunca primordialmente moralizador, mas sim estímulo de admiração — sendo desta que o julgamento do real parte. E, por essa razão, conclui-se que *As Farpas* possibilitam aquilo que o autor de *Eça de Queirós — Uma Estética da Ironia* diz ter sido inaugurado na cultura portuguesa por Eça — a Revolução. Percebe-se: ancorada na derrisão e nos moldes panfletários, a crítica da realidade levada a cabo obtinha um seu efeito persuasivo, não instrutório, mas sim revelador. A presença da ironia acaba por ir ao encontro desta matriz revolucionária anterior na medida em que dota o leitor da suspensão de juízo²⁰⁴ necessária para que a posterior consciência do real se cumpra, diante da desconstrução da encenação política e social.

A pauta mais constante da ironia é a reversibilidade, porque nela a *crise/crítica* fica cercada por um relativismo que, se abre possibilidades hermenêuticas, ao mesmo tempo as circunscreve e direcciona a construção de significados. Note-se: o que sucede n' *As Farpas* é que a ironia mostra uma existência e uma sobrevivência possíveis mediante a intenção reveladora. Ora, a alteração do *status quo*, que se acredita estar iminente, terá no riso arma mais adequada do que a ironia (o que não exclui o papel desta), a quem é conferido o papel, se não de atacante, pelo menos (e não pouco) de público ideal e, desta feita, capaz de descodificar uma pluralidade de mensagens de que o riso constitui apenas uma parte.

²⁰³ HUTCHEON - *op. cit.*, p. 70.

²⁰⁴ JANKÉLÉVITCH - *op. cit.*, p. 156.

O que virá a significar que, se a poética da derrisão sustenta a caricatura, a ironia potenciará os caminhos da figura e o facto de ultrapassarem o desenho datado, indiscutivelmente, de trâmites derrisórios mas cuja feição revolucionária pode ser discutida. Não é este o momento para tal. O que deve ser sublinhado, a propósito d' *As Farpas*, é que a ironia prevalece sobre o riso, sofrendo com essa superposição a metamorfose que a conduzirá ao edifício romanesco de Eça. E talvez que aí radique a diferença entre a natureza d' *As Farpas* e a dos periódicos de índole satírica. Ora, o ludismo que a ironia pressupõe é de outra ordem bem diversa — e Eça não teve nenhum pudor em assumir a sua diferença.

Por conseguinte, o riso que peleja, modo de estar do redactor-narrador diante dos factos que elege, não pode prescindir de um modo de enunciação universal como a ironia. E, nesta lógica militar de ataque e contra-ataque sem bandeira nem clarim, os objectos escolhidos para que uma Justiça demolidora actue e os caracteres que são criados e recriados vêm a constituir um projecto de personagem, à disposição da crescente tendência de Eça para a fantasia — e para a ficção. *As Farpas* sublinham, no caso de Eça, a sempre iminente urgência da personagem na representação dos mundos — mesmo quando declaram que o mundo é a representação. É a passagem da figura a personagem, do mundo da caricatura ao universo da personagem, que explicita a sobrevivência da ironia, já que é na personagem que se concentram os pontos nevrálgicos que atestam este trânsito.

Ora, a linha liminar com que Eça traça o desenho de caracteres conta com o riso como mote, fim aparente e meio declarado. Será, pois, mediante uma poética da derrisão — que, eventualmente, poderá resultar numa assunção trágica da realidade — que cada personagem a haver, enquanto foco de significação narrativa, histórica e ideológica, será delineada. Porque a personagem será mais função do que ficção²⁰⁵. O que nela coexiste de realidade e de transcendência, no que às *Farpas* diz respeito, será a linha estruturante das *crónicas mensais* enquanto todo. Como veremos adiante, *As Farpas*, porque nelas antevemos traços de personagens e personagens

²⁰⁵ PHILIPPE HAMON - *Le personnel du roman. Le système des personnages dans les Rougon-Macquart d'Émile Zola*, Genève, Droz, 1983, p. 22.

em trânsito, são um pouco mais do que a campanha alegre em que Eça as quis transformar. E o facto de conterem signos do domínio da personagem contraria a afirmação do escritor, aquando da publicação de 1890, de que “as coisas que o [riso] provocaram são já tão passadas como as de Tróia”²⁰⁶. É a presença da personagem que permite certa actualização da leitura.

113

²⁰⁶ EÇA DE QUEIRÓS - *Uma Campanha Alegre*, p. 7.

4. Ano Novo e Ano Velho: o tempo feito personagem

Na *Farpa* correspondente ao mês de Janeiro de 1872 encontramos um diálogo entabulado entre o *Ano Velho* e o *Ano Novo*. A encenação do diálogo decorre tendo por espectador o “Querido Público”, a quem é apresentado o Ano Novo:

Querido Público — eis-te diante de um ano novo: 1872.

Está defronte de ti, sério, impenetrável, com o seu largo chapéu de feltro carregado no rosto, a capa cor de mistério traçada à Lindor, altas botas de pregas reluzentes, a acção tácita, a palavra recolhida, — e vê-se apenas a ponta da sua espada erguer de leve, por trás, uma prega subtil, a orla da capa escura. O traidor! — vem armado!

Como será o seu rosto — franzino e pacífico ou violento e duelista? Como será a cor, o jeito dos seus cabelos — grisalhos e acamados como de um musgoso conservador ou negros como de um revolucionário impaciente? Como será a palma da sua mão — macia e seca como a do que espalha dinheiro ou adunca e áspera como a do avaro ganchoso?

— Quem o sabe? Quem o saberá? diz o cuco da lenda.²⁹⁸

A aparição do Ano Novo instala n’ *As Farpas* a dimensão alegórica. Recorrendo a tópicos da literatura europeia para a caracterização da personagem, o redactor-narrador sabe que caldeava a descrição de um facto com o registo ficcional. Lindoro é uma personagem do teatro de Carlo Goldoni e, na ampla galeria das suas criações, é aquela que transporta consigo já as raízes do Romantismo através da sua sensibilidade apaixonada e o seu idealismo intrépido²⁹⁹. No entanto, Lindoro é também personagem d’ *O Barbeiro de Sevilha* (a que Eça aludirá n’ *O Primo Basílio*), marcada sobretudo pelo signo do disfarce e pela confiança em Fígaro. Analogamente,

²⁹⁸ EÇA DE QUEIRÓS - *As Farpas*, pp. 321-322.

²⁹⁹ Cf. ROBERT LAFFONT - *Dictionnaire des personnages littéraires et dramatiques de tous les temps et de tous les pays*, Paris, Robert Laffont: Société d’Édition de Dictionnaires et Encyclopédies, 1960, p. 603.

o Ano Novo apresentava-se inexperiente e, por esse motivo, pronto para beneficiar da experiência do Ano Velho.

158

Neste caso (que é o de uma diegese bem delimitada e no começo da qual se insta o leitor a um pacto ficcional), as personagens materializam um confronto entre modelos epocais. O recurso à alegoria torna possível que a personagem congrege dimensão figurativa e cénica ao reunir feições humana, temporal e espacial. Atente-se, por isso, na descrição do Ano Velho:

O Ano Velho recolhia-se: estivera trezentos e sessenta e cinco dias em Portugal; ia enfasiado e embrutecido; percebia-se que ia de cá pela grosseria dos remontes das botas; tinha os dedos queimados do cigarro e trocava o B pelo V; levava o estômago estragado da mesa do hotel; ia ressequido da falta de banhos; palitava os dentes com as unhas; sabia ajudar à missa; assoava-se a um lenço vermelho; perguntava a todo o propósito que há de novo? E era reformista. Estava alusitanado. — O Ano Novo vinha da frescura do céu.³⁰⁰

³⁰⁰ *Idem, ibidem*, p. 323. O tópos “Ano Novo - Ano Velho” foi recorrente na imprensa humorística, mormente com Bordalo Pinheiro. Com efeito, quer em *O António Maria*, quer em *Pontos nos II*, o tratamento metafórico do tempo é uma constante nas edições de fim de ano, não raro acompanhado de outras alegorias, tais como a da Morte, com a sua gadanha (*Pontos nos II*, 31 de Dezembro de 1885), a do Novo, consubstanciada num ovo (*O António Maria*, nº 31, 1 de Janeiro, 1880), fazendo-se sempre acompanhar de pequenas crónicas, tal como esta que, pela sua semelhança com a que encontramos n’ *As Farpas*, vale a pena transcrever: “Aí os têm ambos na Estação do Entroncamento da linha férrea da História: o ano novo que vem e o ano velho que vai. É um mistério que chega e um desengano que se retira. O velho parte em terceira classe, com o seu alforge e o seu bordão, encanecido e caquético, de pés arrastados e de mandíbula tremente; pobre e enfermo, arruinado e gasto. A sua bagagem consta unicamente de papéis: lembranças de coisas que lhe esqueceram, notas de promessas que não cumpriu, projectos de obras que não fez, borrões de leis que não passou a limpo (...). É para a história que se dirige este passageiro. Meus senhores, tenham a bondade de deixar passar! Terceira classe, ao fundo, bilhete de favor abonado pela companhia. É o nº 1881. O novo tem o aspecto romanesco e aventureiro. Cobre o rosto na dobra da capa cor de muro de jardim; uma pluma enrosca-se-lhe na copa do sombreiro de castor preto; sai-lhe do seio com um perfume de violetas uma ponta de luva e de renda; e a extremidade da sua fina espada de paladino levanta-lhe a orla da capa (...). É este o que vem entrar na liça e combater pelo outro que sai da arena trôpego e imbecil” (Bordalo Pinheiro, *O António Maria*, 5 de Janeiro de 1882).

O tempo, a História, atinge o estatuto de personagem colectiva. Esta personagem é, pois: um *objecto transicional*, porque soma de traços que fazem dela objecto e motivo de leituras várias; um *universo rico e inédito*, porque constitui um objecto autónomo e produtivo em significados; uma *máquina cognitiva*, porque pode ser base de apreensão, compreensão e julgamento de um mundo; *a parte que contém o todo*, porque, como figura alegórica que é, permite a captação de uma realidade condensada na expressão una da personagem que é³⁰¹. Assim, o Ano Velho acaba por ser amálgama de tipos a que dá corpo uma intenção de ficcionalidade e que está patente no efeito-vida com que o redactor-narrador dota as personagens³⁰².

Ano Novo e Ano Velho são figuras delimitadas por um nome original e possuem um léxico próprio utilizado numa circunstância criada especificamente para a sua actualização. Vejamos:

— Mas, dizia o Ano Novo, consultando apontamentos esboçados que trazia, esse país é uma monarquia ou uma república?

O Ano Velho replicou gravemente:

— As geografias dizem que é uma monarquia: pelo que vi pareceu-me que nem era nem uma monarquia nem uma república, e que era apenas um chinfrim...

— Mas, exclamava o Ano Novo, pelo menos há um rei?

— Há um, ponderou prudentemente o Ano Velho. Os jornais revelaram de vez em quando a sua existência — contando que fora fotografar-se! É quanto sei da sua vida pública.³⁰³

Cada locutor funciona como actualização do núcleo semântico que representa e é no interagir entre a informação que o Ano Velho tem para fornecer e as questões que o Ano Novo tem a colocar que assenta a

³⁰¹ Recorremos novamente à terminologia proposta por DANIEL BOUGNOUX - art. cit., pp. 192-193.

³⁰² Cf. VINCENT JOUVE - *op. cit.*, pp. 110 e ss.

³⁰³ EÇA DE QUEIRÓS - *As Farpas*, p. 323.

história. Por conseguinte, se por um lado o leitor é desafiado a reconhecer nas duas figuras o estatuto de personagem, é obrigado a identificá-las com o Tempo. Se as personagens que temos vindo a analisar podem ser aproximadas daquela quase-personagem que Paul Ricœur identifica no seu primeiro volume de *Temps et Récit*³⁰⁴, Ano Velho e Ano Novo são personagens inscritas em estrutura diegética à qual emprestam a sua autonomia. Fica configurado, como referimos acima, um cenário narrativo, articulado por duas personagens, sendo que uma delas põe em cena tipos diversos. É de uma identidade tipificada que a descrição do país, caricatural e crítica, resulta. A História, pois, *em resumo* numa personagem, proveniente da refiguração do tempo.

Ora, esta refiguração passa pela calendarização cronológica, em primeiro lugar³⁰⁵, invertendo-se ironicamente, desta forma, o acontecimento fundador que marca o advento de uma nova era:

— Quem o sabe, quem o saberá? diz o cuco da legenda.

Aí está! Nem ele mesmo o sabe talvez. Os anos chegam desprevenidos, indecisos, desintencionados: somente tomam informações com os anos que saem. E então pelas suas notas, como um dramaturgo, preparam os seus episódios! — Ah! que diria o Ano Velho, ao ir-se com as suas malas e as suas rugas, a este Novo Ano que vinha, inexperiente, moço e ágil? — O que disseram eles, ao encontrar-se nessa misteriosa estrada por onde caminham os dias e os anos, excêntricos transeuntes da Eternidade?³⁰⁶

³⁰⁴ PAUL RICŒUR, *Temps et Récit*, tome I, p. 351: “La notion de *quasi-personnage*, que j’adopte par symétrie avec celle de quasi-intrigue, doit autant à l’ un qu’ à l’ autre argument: c’ est *parce que chaque société est composée d’ individus* qu’ elle se comporte sur la scène de l’ histoire comme un grand individu et que l’ historien peut attribuer à ces entités singulières l’ initiative de certains cours d’ actions et la responsabilité historique — au sens de Raymond Aron — de certains résultats, même non intentionnellement visés”.

³⁰⁵ Segundo PAUL RICŒUR - *Temps et Récit*, tome III, “Le temps raconté”, Paris, “Points Essais”, Éditions du Seuil, 1991, p. 190 e ss: “Le temps calendaire est le premier pont jété par la *pratique* historique entre le temps vécu et le temps cosmique. Il constitue une création qui ne relève exclusivement d’ aucune des deux perspectives sur le temps: s’ il participe de l’ une et de l’ autre, son *institution* constitue l’ invention d’ un tiers-temps”.

³⁰⁶ EÇA DE QUEIRÓS - *As Farpas*, p. 323.

A divisão do tempo em calendário indicia, neste caso, a persistência da situação do país e que o Ano Velho descreve — porque própria das concepções cíclicas do tempo. O diálogo entre as personagens dá conta de como a sucessão do tempo opera: a História, tradicionalmente considerada como mestra da vida, tenta desempenhar o seu papel de pedagoga do futuro; no entanto, um ano passado que se apresenta *alusitanado* pode querer significar a ameaça de ensimesmamento. Assim, a possibilidade de suceder o mesmo com o Ano Novo anula o efeito de um tempo inaugural e benéfico, pelo que o rito de catarse, a existir, existe para o Ano Velho, para quem o diálogo serve para se desembaraçar dos problemas portugueses. De certa forma, condicionava-se a fortuna do ano que chegava. Pretendendo vincar a oposição entre o passado e o futuro, o que o redactor-narrador logra conseguir é antes preparar o leitor para um Ano Novo que acabará por ser repetição do ano que então acabava. O que significa que a inevitabilidade de uma cronologia cíclica vem a ser a grande ironia da modernidade: a expressão da crise contraditava o carácter da modernidade enquanto tempo e acabava por ser a sua grande ironia³⁰⁷.

Ao conter traços típicos do país que se prepara para deixar, assume-se, pois, como personagem tipo, que é também síntese de História. Ora, a transformação do tempo em personagem n' *As Farpas* é a cúpula da crença queirosiana de que “a História será sempre uma grande Fantasia”³⁰⁸ numa narrativa que assenta no diálogo e nos sentidos espaciais e temporais que as personagens trazem consigo. Já citámos Vincent Jouve, quando este se refere ao facto de o romance, escapando os seres que o povoam à relatividade, fazer do tempo história; se a personagem muito contribui para esse facto, aqui permite mesmo uma reflexão de ordem meta-histórica: Portugal é descrito como resultado de uma série de acontecimentos. O Ano Velho é o país que Eça e Ramalho se propõem farpear, pelo que, antecipando a resposta que João Gouveia dará ao Padre Soeiro, é Portugal feito personagem.

³⁰⁷ Cf. MIGUEL BAPTISTA-PEREIRA - *Modernidade e Tempo. Para uma leitura do discurso moderno*, Coimbra, Minerva, 1990, especialmente o capítulo consagrado à revolução e à evolução enquanto características da modernidade, pp. 89-93 e 105-113. Veja-se também, sobre a história do conceito de “ano novo”, LEOFRANC HOLFORD-STREVENS - *The History of time. A very short introduction*, Oxford University Press, 2005, pp. 108 e ss.

³⁰⁸ EÇA DE QUEIRÓS - *Correspondência*, vol. I, p. 265.

Na lógica paraficcional e no decurso da poética da derrisão, a presença de uma personagem como o Ano Velho confirma a possibilidade do tipo como núcleo de significação ideológica passível de desempenhar um papel protagonista em narrativa breve e a sua inevitabilidade naquela sociedade que Eça mais tarde caracterizaria como possuindo um homem que é sempre o mesmo — mas que *As Farpas* acreditavam revolucionar pela listagem dos defeitos. Todavia, significa também a inscrição do discurso da História no discurso da ficção queirosiana, sendo talvez a trave-mestra em torno da qual as indecisões e as necessidades periodológicas acontecem.

Mas outra questão fica em aberto: se o Ano Velho, presente na *Farpa* de Janeiro de 1872, é a História e a sociedade portuguesas resumidas numa personagem, até que ponto a construção das personagens queirosianas não supõe, quase sempre, explícita ou implicitamente, uma mesma personagem: esse enfermo colectivo, no dizer de Oliveira Martins, chamado Portugal?

II Parte: *Da memória e da morte*

CAPÍTULO I

MEMÓRIA E PERSONAGEM: *UM REFERENTE AUSENTE?**

“La narrativité, considérée comme l’irruption du discontinu dans la permanence discursive d’une vie, d’une histoire, d’un individu, d’une culture”. Assim foi já definida a narratividade³⁰⁹. O tempo da nossa existência é linear, é a permanência; todavia, a crença narrativa da vida instala na linha temporal patamares e secções, permitindo a ilusão da descontinuidade. E, no entanto, o curso da vida é uma narrativa só — ainda que a nossa qualidade de narradores internos nem sempre admita uma visão conglobante dessa corrida. É então que transformamos a existência em corrente armada de anéis encadeados: podemos pensar um momento isoladamente mas nunca o libertamos do compartimento ilusório a que pertence.

Todas as narrativas assim funcionam. A unidade totalizante que um romance é acolhe uma variedade grande de categorias; uma narrativa historiográfica, partindo do fragmentário, aspira à completude de um (in) certo sentido. Contadores de sonhos, o que fazem é provar como a narratividade é a propriedade comum a todas as narrativas, desde as que se fundam num passado ficcional, engendrado na escritura do romance, às que se apoiam num passado real, vivo e morto à margem do presente. E, se do passado é que se trata, então desta premissa podemos partir para o

* Este capítulo encontra-se parcialmente desenvolvido em JOANA DUARTE - “Memória e narração: invólucro do silêncio na expressão do vário”. In *Revista de História das Ideias*, Coimbra, 2006, pp. 529-546.

³⁰⁹ A. J. GREIMAS - *Du Sens II. Essais sémiotiques*, Paris, Seuil, 1983, p. 46.

estabelecimento do fundo narrativo da memória, também ela uma arte de contar e recontar.

166

Toda a transformação em que consiste a representação de um objecto é sinal de uma narratividade que, sendo o princípio organizador de todo o discurso, permite a localização, justificação e afirmação do indivíduo numa comunidade e de uma comunidade no mundo. A memória, vasilha em que pedaços do que fomos bóiam em forma de recordação, detém, pois, uma funcionalidade fortemente identitária: o que se guarda na memória, o que já não existe, é que dá consistência ao ser ontológico. Deste modo, a percepção, representação e transformação de um objecto implica o recurso a sistemas de modelização primária ou secundária. Nesta acepção, a memória pode ser tomada como um sistema circular: ela produz e é produto de sistemas modelizantes secundários. A memória é método narrativo que leva à narração mas é também a narração que nasce do acto memorial. A memória surge, pois, como “une possibilité de récit organisé”³¹⁰.

Espécie de linguagem virtual, a memória é um discurso em que a potencialidade assenta sobre uma base factual — porque recordamos algo que aconteceu — cuja existência anterior (presente não-existência), no lugar de ser trazida de novo a lume, serve de fonte a águas sempre diferentes. Diferentes porque recordamos o passado e nessa recordação está contida uma infinidade de interpretações e posteriores adaptações: não podemos reavivar o *ido* mas podemos integrar a sua reflexão no *que vem*. Veja-se que preferimos a utilização do verbo *ir* contra a tradicional entificação do tempo (que, neste caso, diz respeito ao tempo em que *passou* o objecto da recordação) através do verbo *ser*. É que o movimento é a existência possível do tempo enquanto eixo da narração. Não estamos longe do conceito de *distentio animi*; simplesmente, Santo Agostinho obliterou a alteridade de que o indivíduo é feito também pois que faz radicar as coordenadas temporais no filtro que a leitura vivida de cada um leva a cabo.

³¹⁰ GÉRARD NAMER - *Mémoire et Société*, Paris, Klincksieck, 1987, p. 129.

2. Bibliografia passiva

254

- AAVV - *Eça e Os Maias*, Actas do 1º encontro internacional de queirosianos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 22 a 25 de Novembro de 1988. Porto: Edições Asa, 1990.
- BERNARDES, Joana Duarte - “*A Eterna Dançarina do Efêmero*: as cartas a Clara e a metafísica da luz em Eça de Queirós”. *Queirosiana. Estudos sobre Eça de Queirós e sua Geração*. Tormes: Fundação Eça de Queiroz, 2002/2003, pp. 101-119.
- “Quando ainda se acreditava que as ideias faziam revoluções: Manuel Emídio Garcia e Eça de Queirós”. *Revista de História das Ideias*, vol. 29. Coimbra: Faculdade de Letras, 2008, pp. 405-430.
- BERRINI, Beatriz - *Brasil e Portugal: a Geração de 70*. Porto: Campo das Letras, 2003.
- *Portugal de Eça de Queiroz*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- GUERRA DA CAL, Ernesto - *Bibliografia Queirosiana*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1975-1984.
- *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*. Coimbra: Almedina, 1981.
- CAVALCANTI, Paulo - *Eça de Queirós, Agitador no Brasil*. Lisboa: Livros do Brasil, 1972.
- COLEMAN, Alexander - *Eça de Queirós and European Realism*. New York: University Press, 1980.
- CUNHA, Maria Do Rosário - *A inscrição do livro e da leitura na ficção de Eça de Queirós*. Coimbra: Almedina, 2004.
- FARO, Arnaldo - *Eça e o Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/ Editora Nacional da Universidade de São Paulo, 1977.
- FERREIRA, Fátima Moura - “O Portugal dos Acácios: O Conselheiro do Constitucionalismo Monárquico”, separata da *Revista de História das Ideias*, vol. 28. Coimbra: Faculdade de Letras, 2007, pp. 195-221.
- FERREIRA, Vergílio - “Sobre o humorismo de Eça de Queirós”. Coimbra: Faculdade de Letras, 1943.
- GASPAR, Sofia - *La novela como conocimiento social: “El Primo Basilio” de Eça de Queirós*, Memoria para optar al grado de Doctor. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2009.
- GROSSEGESSE, Orlando - “Sobre a ‘Recarnavalização’ em *A Cidade e as Serras*”. *Queirosiana*, 1. Coimbra, 1991, pp. 55-69.
- JESUS, Maria Saraiva De - “*O Primo Basílio e Os Maias*: da convergência satírica à ambivalência irónica”. *Revista da Universidade de Aveiro / Letras*, nºs 6-7-8, 1989-1990-1991.
- “Alguns estereótipos sobre a mulher na segunda metade do século XIX”. *Veredas, Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, volume I. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1998, pp. 149-163.
- LOURENÇO, António Apolinário - *Eça de Queirós e o Naturalismo na Península Ibérica*. Coimbra: Mar da Palavra, 2005.
- LOURENÇO, Eduardo - “O Primo Basilio: Structure vide ou structure remplie?”. *Sillages*, 4. Poitiers : Département d’ Études Portugaises et Brésiliennes, Université de Poitiers, 1974, pp. 54-68.
- LYRA, Heitor - *O Brasil na Vida de Eça de Queiroz*. Lisboa: Livros do Brasil, 1965.
- MARTINS, António Coimbra - “Eva e Eça”. *Bulletin des Études Portugaises*, 28-29. Lisboa: 1967-68, pp. 287-325.
- MATOS, António Campos - “Cemitérios”. In *Dicionário de Eça de Queiroz*, coordenação e organização de A. Campos Matos, Lisboa, Caminho 1988.
- MEDINA, João - “O Riso que Peleja”: *As Farpas* de Eça de Queiroz (1871-1872). *Revista da Faculdade de Letras*. 19-20, 5ª série, Lisboa: 1996.

- *Reler Eça de Queiroz - das Farpas aos Maias*. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.
- NUNES, Maria Luísa - *As técnicas e a função do desenho de personagens nas três versões de O Crime do Padre Amaro*. Porto: Lello & Irmão, 1976.
- PETIT, Lucette - *Le champ du signe dans le roman queiroisien*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, 1987.
- PIWNICK, Marie-Hélène - "A Cidade e as Serras: libelo contra o símbolo-decadentismo". In *Dicionário de Eça de Queiroz*, coordenação e organização de A. Campos Matos. Lisboa: Caminho, 1988, pp. 202-207.
- REIS, Carlos - "Teoria Literária de Eça de Queirós". In *Construção da Leitura*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1982.
- "A temática do adultério n' *O Primo Basílio*". In *Construção da Leitura*. Coimbra, INIC/Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, 1982, pp. 117-129.
- *Estudos Queirosianos - Ensaios sobre Eça de Queirós e a sua obra*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.
- "Quem é o Eça actual?". *Público*, 16 de Agosto de 2000, p. 3.
- REIS, Carlos e MILHEIRO, Maria Do Rosário - *A Construção da Narrativa Queirosiana. O Espólio de Eça de Queirós*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.
- RITA, Annabela - *Eça de Queirós Cronista: do Distrito de Évora (1867) às Farpas (1871-1872)*. Lisboa: Edições Cosmos, 1998.
- ROSA, MACHADO DA - *Eça, discípulo de Machado? (formação de Eça de Queirós: 1875-1880)*. Lisboa: Presença, s/d.
- SÉRGIO, António - "Notas sobre a imaginação, a fantasia e o problema psicológico-moral na obra novelística de Eça de Queirós". In *Ensaios*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1971, tomo VI, pp. 53-120.
- SOLER, Elena Losada - "A moeda feminina: a função do vestido em *O Primo Basílio*". *Escrita Vária*, nº 4. Sintra: Cadernos de Estudos Arquivísticos, Históricos e Documentais, 1997, pp. 115-124.
- VIANA MOOG - *Eça de Queiroz e o século XIX*. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1939.

3. Bibliografia teórica

- ALBALADEJO MAYORDOMO, Tomás - *Teoría de los Mundos Posibles y Macroestructura Narrativa. Análisis de las Novelas Cortas de Clarín*. Alicante: Universidad de Alicante/ Caja de Ahorros Provincial de Alicante, 1968.
- ALMEIDA, Pedro Tavares de - *Eleições e caciquismo no Portugal oitocentista (1868-1890)*. Lisboa: Difel, 1991.
- ARAÚJO, Ana Cristina - *A morte em Lisboa - Atitudes e representações - 1700-1830*. Lisboa: Editorial Notícias, 1997.
- ARIÈS, Philippe - *Essais de mémoire: 1943-1983*, Paris: Éditions du Seuil, 1993.
- *L'homme devant la mort*. Paris: Seuil, 1977.
- AUGÈ, Marc - *As formas do esquecimento* (trad. de Ernesto Sampaio). Almada: Íman Edições, 2001.
- BACHELARD, Gaston - *La poétique de l'espace*. Paris : Quadrige/PUF, 1984.
- BACZKO, Bronislaw - *Lumières de l'utopie*. Paris : Éditions Payot et Rivages, 2001.
- BAECQUE, Antoine de - *La Caricature Révolutionnaire*. Paris: Presses du C.N.R.S., 1988.
- BAKHTINE, Mikhail - *La Poétique de Dostoïevski*. Paris: Seuil, 1970.

- BALDINI, Massimo - *A invenção da moda. As teorias, os estilistas, a história*. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BANCAL, Jean - *Proudhon, Pluralisme et Autogestion, I Les Fondements, II Les Réalisations*. Paris: Aubier Montaigne, 1970.
- BELL, Michel - "How primordial is narrative?". In *Narrative in Culture: the uses of storytelling in the sciences, philosophy, and literature* (ed. by NASH, Christopher). London: Routledge, 1993, pp. 177-202.
- BENICHO, Paul - *Le Temps des Prophètes. Doctrines de l'âge romantique*. Paris : Gallimard, 1977.
- *L'école du désenchantement. Sainte-Beuve, Nodier, Musset, Nerval, Gautier*. Paris : Gallimard, 1992.
- *Le sacre de l'écrivain (1750-1830). Essai sur l'avènement d'un pouvoir spirituel laïque dans la France moderne*. Paris : Gallimard, 1996.
- BOUGNOUX, Daniel - "Le principe de l'identification". In *Personnage et histoire littéraire. Actes du colloque de Toulouse 16/18 mai 1990*, textes recueillis et présentés par PIERRE GLAUDES et YVES REUTER, Mirail, Presses Universitaires, 1991.
- BOURDIN, Viviane - "Eça de Queirós et Proudhon. La femme dans *As Farpas*". *Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes*, tome 42-43. Paris: Institut Français de Lisbonne, Éditions Recherches sur les Civilizations, 1981-1982, pp. 151-178.
- BRÉMOND, Claude - *Logique du récit*. Paris: Éditions du Seuil, 1973.
- CALISTO, Maria Leonor - "A literatura negra ou de terror em Portugal nos séculos XVIII e XIX". Lisboa: Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1956.
- CANDA, Joël - *Anthropologie de la Mémoire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.
- CÂNDIDO, António (et alii) - *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.
- CARDOSO, Marília Rothier - "Moda da crônica: frívola e cruel". In *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp/Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, pp. 130-143.
- CATROGA, Fernando - "Ainda será a História a Mestra da Vida?". *Estudos Ibero-Americanos*. Revista do Departamento de História, PUCRS, Edição Especial, n. 2, 2006, pp. 7-34.
- "Os inícios do Positivismo em Portugal: o seu significado político-social". *Revista de História das Ideias*, 1. Coimbra: 1977, pp. 287-395.
- "Portugal como «corpo» e como «alma»". *Revista de História das Ideias*, volume 28. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2007.
- *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.
- *O Céu da Memória. Cemitério romântico e culto cívico dos mortos (1756-1911)*. Coimbra: Minerva, 1999.
- "Os Inícios do Positivismo em Portugal. O seu significado político-social". *Revista de História das Ideias* (separata), vol. I. Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias, 1977.
- "Mações, liberais e republicanos em Coimbra (década de 70 do século XIX)". *Arquivo Coimbrão* (separata), vol. XXXI-XXXII, 1988-9, Coimbra, Coimbra Editora, 1990.
- "O poder político-administrativo das paróquias em Portugal (séculos XIX-XX)". *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 4. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura, Universidade de Coimbra, 2004, pp 149-255.
- *Os Passos do homem como restolbo do tempo. Memória e fim do fim da história*. Coimbra: Almedina, 2009.
- CHATMAN, Seymour - *Story and discourse: narrative structure in fiction and film*. Ithaca, London: Cornell University Press, 1978.

- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain - *Dicionário dos símbolos: mitos, sonbos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, trad. de Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Lisboa: Teorema, 1994.
- CONNERTON, Paul - *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta Editora, 1993.
- DALARUN, Jacques - "Argument e *silentio*. Les femmes et la religion". In *Georges Duby et l'histoire des femmes*, 8, sous la direction de Christiane Klapisch-Zuber et Michelle Zancarini-Fournel, 1998, versão electrónica: <http://clio.revues.org/document315.html>.
- DEBRAY, Régis - *Vie et Mort de l'Image. Une histoire du regard en Occident*. Paris: Gallimard, 1993.
- DÉCHAUX, Jean-Hugues - *Le souvenir des morts. Essai sur le lien de filiation*. Paris: PUF, 1997.
- DELILLE, Manuela Gouveia - *A recepção literária de Heine no Romantismo português (de 1844 a 1871)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- DESLANDRES, Yvonne - *Le costume. Image de l'homme*. Paris: Albin Michel, 1976.
- DUBY, Georges e PERROT, Michelle (dir.) *História das Mulheres, História das mulheres no ocidente*, IV volume, "O século XIX", dir. de Geneviève Fraisse e Michelle Perrot. Porto, Afrontamento, 1994.
- DULONG, Renaud - *Le témoin oculaire. Les conditions sociales de l'attestation personnelle*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1998.
- DOCHERTY, Thomas - *Reading (absent) character. Towards a theory of characterization in fiction*. Oxford: Oxford Clarendon Press, 1983.
- ESTEVES, Maria Helena Almeida - *Esboço de um estudo da poesia da noite no lirismo português*, dissertação de licenciatura em Filologia Românica apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, 1952.
- FAVRE, Robert - *Le Rire dans tous ses éclats*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1995.
- FLUDERNIK, Monika - *Towards a 'natural' narratology*. London/New York: Routledge, 1996.
- FRANÇA, José-Augusto - *O Romantismo em Portugal. Estudo de Factos Sócio-culturais*, 6 volumes. Lisboa: Livros Horizonte, 1974-1975.
- FROW, John - "Spectacle Binding. On Character". *Poetics Today*, vol 7, nº2. 1986, pp. 227-250.
- FURST, Lilian e SKRINE, Peter N. - *O Naturalismo*, tradução de João Pinguelo. Lisboa: Lysia, 1975.
- GARNEL, Maria Rita - *Vítimas e Violência na Lisboa da I República*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007.
- GENETTE, Gérard - *Figures*. Paris: Seuil, 1966.
- *Nouveau Discours du Récit*. Paris: Editions du Seuil, 1983.
- *L'œuvre de l'art. Immanence et Transcendance*. Paris: Seuil, 1994.
- *Fiction et Diction*. Paris: Seuil, 2004.
- *Métalepse. De la figure à la fiction*. Paris: Seuil, 2004.
- GREIMAS, A. J. - *Du Sens II. Essais sémiotiques*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.
- GUIOMAR, Michel - *Principes d'une Esthétique de la Mort. Les modes de présences, les présences immédiates, le seuil de l'Au-delà*. Paris: José Corti, 1967.
- GURVITCH, Georges - *Dialéctica e sociologia*. Lisboa: Dom Quixote, s/d.
- *Proudbon*. Lisboa: Edições 70, 1983.
- HALBWACHS, Maurice - *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.
- *La mémoire collective* (édition critique établie par Gérard Namer ; préparée avec la collaboration de Marie Jaisson) Paris: Albin Michel, 1997.
- HAMON, Philippe - *Littérature et Réalité*, ROLAND BARTHES *et alii*. Paris: Éditions du Seuil, 1972.

- *L'ironie littéraire: essai sur les formes de l'écriture oblique*. Paris: Hachette Livre, 2001.
- *Le Personnel du Roman. Le système des personnages dans les Rougon-Macquart d'Émile Zola*. Genève: Droz, 1983.
- *Texte et Idéologie*. Paris: PUF Écriture, 1984.
- HEIDEGGER, Martin - *Ser y tiempo*. Madrid: Editorial Trotta, 2003.
- HOLFORD-STREVEVS, Leofranc - *The History of time. A very short introduction*. Oxford University Press, 2005.
- HOMEM, Amadeu Carvalho - "Riso e Poder. Uma abordagem da caricatura política". *Revista de História das Ideias*, vol. 28. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2007, pp. 739-762.
- HUTCHEON, Linda - *Uma Teoria da Paródia*. Lisboa: Edições 70, 1985.
- *Irony's edge: theory and politics of irony*. London: Routledge, 1995.
- IBÁÑEZ FERNANDÉZ, Ana - "Botánica funeraria". In AA. VV., *Una Arquitectura para la Muerte. I Encuentro internacional sobre los cementerios contemporáneos*. Actas. Sevilla 4/7 Junio 1991, Sevilla: Junta de Andalucía, 1993.
- JANKELEVITCH, Vladimir - *La Mort*. Paris: Champs Flammarion, 1977.
- *L'Ironie*. Paris: Flammarion, 1979.
- KEARNS, Katherine - *Nineteenth-century literary realism: through the looking-glass*. Cambridge University Press, 1996.
- KOSSELCK, Reinhart - *Le futur passé: contribution à la sémantique des temps historiques*. Paris: Éd. de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1990.
- LAFFONT, Robert - *Dictionnaire des personnages littéraires et dramatiques de tous les temps et de tous les pays*. Paris: Robert Laffont: Société d'Édition de Dictionnaires et Encyclopédies, 1960.
- LAVIER, James - *Breve historia del traje y la moda*, apêndice de Enriqueta Albizua Huarte, tercera edición. Madrid: Cátedra, 1990.
- LE GOFF, Jacques - "Memória". In *Enciclopédia Einaudi*, vol. 1 "Memória - História". Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984, pp. 11-50.
- LEHAN, Richard - *The city in literature. An intellectual and cultural history*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998.
- LIPOVETSKY, Gilles - *O império do efêmero. A moda e o seu destino nas sociedades moderna*, trad. de Regina Louro. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.
- LOPES, ÓSCAR - "Claro-escuro camiliano". *Colóquio/Letras*, nº 119, Jan-Março de Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, pp. 5-24.
- GURVITCH, Georges - *Dialéctica e Sociologia*, trad. de Manuel Vitorino Dias Duarte. Lisboa, D. Quixote, 1882.
- MACHADO, Álvaro Manuel - "O mito de Don Juan ou a erótica da ausência". In JEAN ROUSSET, *O mito de D. Juan*. Lisboa: Vega, s/d.
- *Do Romantismo aos Romantismos em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.
- MARCOS, Rui De Figueiredo - *Eça de Queirós, a Europa e a Faculdade de Direito de Coimbra no século XIX*, prefácio de Aníbal Pinto de Castro. Coimbra: Almedina, 2005.
- MARTIN, Jean-Clément - "Histoire, mémoire et oubli". *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, 47-4, Outubro-Dezembro, 2000.
- MATTOSO, José (dir.) - *História de Portugal*, volume V, "O Liberalismo", coord. de LUÍS REIS TORGAL e JOÃO LOURENÇO ROQUE. Lisboa: Estampa, 2002.
- MAURIAC, François - *Le Romancier et ses Personnages (précédé d'une étude d'Edmond Jaloux)*. Paris: Éditions R. - A. Corrêa, 1933.

- MERÊA, Paulo - *Estudos de História do Ensino Jurídico em Portugal (1772-1902)*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.
- MESQUITA, MÁRIO - *Teorias e práticas do jornalismo: do telégrafo ao hipertexto. Lição inaugural da Licenciatura em Comunicação Social e Cultura e da Pós-graduação e Mestrado em Cultura e Comunicação*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2004.
- MEYER, Michel - *De l'insolence. Essai sur la morale et le politique*. Paris: Bernard Grasset, 1995.
- MIGNOLO, Walter - "Sobre las condiciones de la ficción literária". *Cadernos de Literatura*, 17. Coimbra: Faculdade de Letras, 1984.
- MINOIS, Georges - *Histoire du Rire et de la Dérision*. Fayard, 2000.
- MOISÉS, Massaud - *A Criação Literária. Prosa*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.
- MÓNICA, Maria Filomena (estudo biográfico, org. e notas de) - *Isabel, Condessa de Rio Maior. Correspondência para seus filhos, 1852/1865*. Lisboa: Quetzal Editores, 2004.
- MUXEL, Anne - *Individu et Mémoire Familiale*. Paris: Nathan, 1996.
- NAMER, Gérard, - *Mémoire et Société*. Paris: Klincksieck, 1987.
- New Catholic Encyclopedia*. McGraw-Hill Book Company, 1966.
- PAÇÔ-VIEIRA, A., "Divisão Interna da Sociologia". *O Instituto*, volume XXX, 2ª série, Julho de 1882 a Junho de 1883. Coimbra, Imprensa da Universidade.
- PAVEL, Thomas - *Univers de la Fiction*. Paris: Seuil, 1988.
- PEREIRA, Miguel Baptista - "Filosofia e memória nos caminhos do milénio". *Revista Filosófica de Coimbra*, vol. 8, nº 16, Outubro. Coimbra: 1999, pp. 181-252.
- PERRIN, Laurent - *L'ironie mise en trope*. Paris: Éditions Kimé, 1996.
- REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario - *Historia des pensamiento filosófico*, vol. III, "Del romanticismo hasta hoy". Barcelona: Herder, 1992.
- REFORT, Lucien - *La Caricature Littéraire*. Paris: Armand Colin, 1932.
- RÊGO, Manuela e MUCZNIK, Lúcia Liba (coord.) - *A moda em Portugal através da Imprensa - 1807-1991*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1991.
- REIS, Carlos - *As Conferências do Casino*. Lisboa, Alfa, 1990.
- *Estudos Queirozianos. Ensaios sobre Eça de Queirós e a sua obra*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.
- *O Conhecimento da Literatura. Introdução aos Estudos Literários*. Coimbra, Almedina, 1999.
- "Narratologia(s) e Teoria da Personagem". In *Figuras da Ficção*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa/Faculdade de Letras, 2006, pp. 9-23.
- REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina Macário - *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina, 2000.
- RICOEUR, Paul - *Temps et récit*, tome I. Paris: Éditions du Seuil, 1983.
- *Temps et Récit*, tome II, "La configuration du temps dans le récit de fiction". Paris: Seuil, 1984.
- *Temps et Récit*, tome III, "Le temps raconté". Paris: Éditions du Seuil, 1985.
- "Vulnérabilité de la mémoire". In LE GOFF, Jacques *et alii*, *Patrimoine et Passions Identitaires. Entretiens du patrimoine, Théâtre National de Chaillot*, Paris, 6, 7 et 8 Janvier, 1997. Paris: Fayard, 1998.
- *La lectura del tiempo pasado: memoria y olvido* (trad. de Gabriel Aranzueque) Madrid: Universidad Autónoma, Arrecife, c. 1999.
- *Le mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.
- RIFFATERRE, MICHEL - *Fictional Truth*. Baltimore: The Johns Hopkins Univ.Press, 1993.

- RODRIGUES, Ana Maria (coord.) - *Os Brasileiros Torna-Viagem no Noroeste de Portugal*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.
- RODRIGUES, Ernesto - *Mágico Folhetim: literatura e jornalismo em Portugal*. Lisboa: Editorial Notícias, 1998.
- RONEN, Ruth - *Possible Worlds in Literary Theory*. Cambridge: University Press, 1994.
- RORTY, Richard - *Contingência, Ironia e Solidariedade*. trad. de Nuno Ferreira da Fonseca, Lisboa: Editorial Presença, 1994.
- ROSENFELD, Anatol - "Literatura e Personagem". In ANTÓNIO CÂNDIDO (et alii), *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976, pp. 9-53.
- RYAN, Marie-Laure - *Possible worlds, artificial intelligence and narrative theory*. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 1991.
- SALGADO JÚNIOR, António, *História das Conferências do Casino: 1871*. Lisboa: 1930.
- SANTANA, Maria Helena - *Literatura e ciência na ficção do século XIX. A narrativa naturalista e pós-naturalista portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.
- SARAIVA, António José - *A tertúlia ocidental: estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e outros*. Lisboa: Gradiva, 1996.
- *As Ideias de Eça de Queirós*, Lisboa. Gradiva, 2000.
- SARAMAGO, Alfredo - *Para uma história da alimentação de Lisboa e seu termo*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- SARDICA, José Miguel - *Duque de Ávila e Bolama. Biografia*. Lisboa: Dom Quixote, Assembleia da República, 2004.
- *José Maria Eugénio de Almeida. Negócios, política e sociedade no século XIX*. Lisboa: Quimera / Évora, Instituto de Cultura Vasco Vill'Alva, 2005.
- SCHMIDT, Siegfried - "The fiction is that reality exists". *Poetics Today*, 5, 1984, pp. 253-274.
- SEABRA, Jose Augusto - "A cidade como mito poético da Modernidade". In *La Ville dans l'Histoire et dans l'Imaginaire. Études de littérature portugaise et brésilienne*, sous la direction de Anne-Marie Quint, Centre de Recherche sur les Pays Lusophones-Crepal, Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1996, pp. 77-89.
- SERRÃO, JOEL - *Temas Oitocentistas II*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- *O Primeiro Fradique Mendes*. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.
- *Da situação da mulher portuguesa no século XIX*. Lisboa: Livros Horizonte, 1987.
- SILVA, Vítor Manuel De Aguiar E - "O Teatro de actualidade no romantismo português (1849-1875)", Separata da *Revista de História Literária de Portugal*, vol. II - 1964, Coimbra, Coimbra Editora, 1965, pp. 127-198.
- *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina, 1999.
- SIMMEL, Jorge - *Filosofia de la coquetería. Filosofia de la moda. Lo masculino y lo femenino. El asa - las ruínas*. Madrid: Revista de Occidente, 1924.
- SOUSA, Osvaldo De - *A Caricatura Política em Portugal*. Lisboa: Salão Nacional da Caricatura, 1991.
- *História da Arte da Caricatura de Imprensa em Portugal*. Lisboa: Humorgrafe, 1998.
- *Humor é pólvora*. Oeiras: [org.] Câmara Municipal de Oeiras, Humorgrafe, 1998.
- *História da Arte da Caricatura de Imprensa em Portugal*, vol. I, "Na Monarquia". Lisboa: Humorgrafe.
- TARDE, Gabriel De - *Les lois de l'imitation. Étude sociologique*, réimpression de l'édition de Paris, 1895. Paris / Genève, Ressources, 1979.
- THÉRENTY, Marie-Ève - "Poétiques Journalistiques". In *La Presse au XIX siècle: les modes de diffusion d'une industrie culturelle*, dir. Marie-Eve Thérenty et Alain Vaillant. Paris: Nouveau Monde, 2004.

- TENGARRINHA, José - *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1989.
- TODOROV, Tzvetan - *Poétique de la Prose*. Paris: Seuil, 1971.
- *Les abus de la mémoire*. Paris: Arléa, 1998.
- URBAIN, Jean-Didier - *La société de conservation. Étude sémiologique des cimetières d'Occident*. Paris: Payot, 1978.
- URBAIN, Jean-Didier - *L'archipel des morts*. Paris: Plon, 1989.
- VEYNE, Paul - *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70, 1985.
- JOUVE, Vincent - *L'effet-personnage dans le roman*. Paris: P.U.F, 1992.
- WEISGERBER, Jean - *L'espace romanesque*. Lausanne: Éditions L'Age d'Homme, 1978.

4. Outras obras consultadas

- CASTELO BRANCO, Camilo - *Cartas Dispersas*, coligidas e anotadas por Castelo Branco Chaves. Porto: Campo das Letras, 2002.
- DINIS, Júlio - *A Morgadinha dos Canaviais*. Porto: Porto Editora, 2003.
- FLAUBERT, Gustave - *Madame Bovary. Œuvres Complètes*, préface de JEAN BRUNEAU, présentation et notes de Bernard Masson, tome I. Paris: Éditions du Seuil, 1964.
- GARCIA, Manuel Emídio - "A Sociologia aplicada à Administração Pública". In *A Vida dum Apóstolo. Sebastião Magalhães de Lima*, volume "Escritor", coordenação de ÁLVARO NEVES. Lisboa: Imprensa Lucas, 1930.
- *Apontamentos de algumas preleções de Economia e Estatística*. Universidade de Coimbra: Faculdade de Direito, 1894.
- *Centenário do Marquez de Pombal de Emygdio Garcia*, edição de Carlos Lipari Garcia Pinto. Lisboa: 2005.
- *Enunciado de algumas questões, que foram apresentadas, por escripto, e discutidas na aula de direito administrativo, no anno lectivo de 1865 a 1866*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- *Estudo Sociológico para a setima cadeira da Faculdade de Direito na Universidade de Coimbra por uma comissão eleita pelo curso do terceiro anno da mesma faculdade*. Coimbra: Imprensa Académica, 1880.
- *Estudos de Philosophia Política feitos em 1871-1872 por uma das comissões do 3º anno, "Quesitos propostos pelo lente de Direito Administrativo"*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1872.
- *Plano desenvolvido do curso de sciencia politica e direito político pelo Dr. Manuel Emygdio Garcia*. Universidade de Coimbra: Faculdade de Direito, reimpressão da tiragem de 1885.
- *Programma da 4ª cadeira para o curso respectivo no anno de 1885 a 1886*, Coimbra, Typographia de Luiz Cardoso, reimpressão da tiragem de 1885.
- GARRETT, Almeida - *Viagens na minha terra* (introdução de Maria Ema Tarracha Ferreira). Lisboa: Ulisseia, 2002.
- PROUDHON, *Œuvres Choisis*, textes présentés par Jean Bancal. Paris: Gallimard, 1967.
- *La Création de l'Ordre dans l'Humanité ou Principe d'Organization Politique*. Paris: Librairie Internationale, 1868.
- *Philosophie du Progrès. La Justice Poursuivie par l'Église*. Bruxelles: A. Lacroix, Verboeckhoven et Cie, 1868.
- *De la Justice dans la Révolution et dans l'Église*, tome deuxième. Bruxelles: A. Lacroix, Verboeckhoven et Cie, Éditeurs, 1868.

- *La pornocratie, ou Les femmes dans les temps modernes*. Paris: A. Lacroix, 1875.
- MANTA, João Abel - *Desenbos*, coord. Câmara Municipal de Gouveia, Museu de Arte Moderna Abel Manta, prefácio Luís Nogueira. Lisboa: Banco Nacional Ultramarino, 1992.
- PINHEIRO, Rafael Bordalo - *O António Maria*, 5 de Janeiro de 1882.
- *Pontos nos II*, 31 de Dezembro de 1885.
- *Álbum das Glórias*, textos de João Rialto *et al.*. Lisboa: Frenesi, 2003.
- ORTIGÃO, Ramalho - *As Farpas*, tomo IX, “O movimento literário e artístico”. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1889.
- *As Farpas*, tomo VIII, “Os nossos filhos”. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1889.
- QUENTAL, Antero de - *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*. Lisboa: Guimarães Editores, 2001.
- *O Bacharel José*, recolha, prefácio e notas de Ana Maria Almeida Martins. Lisboa: Editorial Presença, 2005.
- *Prosas*, vol. 2. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926.
- *Obras Completas*, Cartas I [1852] - 1881, organização, introdução e notas de Ana Maria Almeida Martins. Lisboa: Universidade dos Açores/ Editorial Comunicação, 1989.
- SANTO AGOSTINHO - *Confissões* (trad. de Arnaldo Espírito Santo et alii). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2001.
- SÃO LUÍS, Frei Francisco de - *Glossário das palavras e frases da língua franceza, que por descuido, ignorancia, ou necessidade se tem introduzido na locução portugueza moderna; com o juízo critico das que são adoptaveis nela*. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Sciencias, 1846.
- TRINDADE COELHO - *In illo tempore*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1991.